

Moçambique: a ofensiva de Chissano

Praticamente desde que se iniciaram as conversações entre a Frelimo e a Renamo que o partido no poder passou a uma posição defensiva. Há mesmo quem diga que a Frelimo, «depois das mobilizações de massas passou às imobilizações doutras massas...» Outros preferem falar em «hibernação», temporária portanto.

No último mês, diversos sinais apontam para uma viragem. Dir-se-ia que a Frelimo, com Chissano à cabeça, decidiu retomar a iniciativa política. Se isso vai ou não trazer consequências nas conversações só o futuro dirá.

A apatia governativo-partidária era notada já há algum tempo e as constantes acusações de corrupção e de violência militar mantinham-se sem resposta.

«Dar o peito»

Chissano decidiu-se então ao abandono daquilo que muitos chamaram «a política do deixa andar» e outros consideraram um sinal de superioridade arrogante ou mesmo de irresponsabilidade corrupta. Colocou primeiro os seus homens na Informação e resolveu dar a volta por cima. Isto é, em vez de voltar às famigeradas autocriticas que ninguém já acredita, veio dar o peito, naquilo que poderá vir a ser considerado como o início real do debate político e democrático à ocidental em Moçambique.

O jornal oficial «Notícias» começou por fazer desaparecer o **Viva Chissano** que ornamentava o canto superior da primeira página, que deu lugar a publicidade de ferragens... Nos artigos as transformações foram graduais e subtis: os «bandidos armados» regressaram com as suas atrocidades e, em contraponto, os esforços do Presidente na procura da paz são destacados quase diariamente. Os militares, depois de uma fase de transição em que foram justificados das suas violências, estão a ser, pouco a pouco, recuperados em reportagens que registam os seus bons serviços à população.

Quanto às oposições políticas, a começar pela Renamo, Chissano passou da fase da to-

lerância à da firmeza. As concessões parece terem terminado. Para tal, não terá sido estranho o aparecimento dos americanos como força de pressão à mesa de Roma. Até agora, a Itália não parece ter cumprido o papel de força equilibradora que a Frelimo esperava dela. Na verdade, Guebuza tem lutado contra a Renamo e contra a Igreja católica, na pessoa do Bispo ndau da Beira. Com a insistência da Renamo em fazer avançar Portugal, o desequilíbrio ia ser fatal.

A Frelimo propôs então a França, a Grã-Bretanha e os EUA. Era o apoio maçoço, mas a Renamo protestou. Mas os EUA parecem bastar. Agora, ir a Portugal para Chissano não surge como concessão, mas como manobra sem importância de maior. Ele sabe que o governo português não vai «desobedecer» aos americanos para satisfazer um pequeno grupo de pressão da direita portuguesa.

Crise na Igreja Católica

Chegou pois a altura para colocar a Igreja católica moçambicana, claramente em desvantagem depois da atitude bacóca do Bispo da Beira no conflito tribal-linguístico entre senas e ndaus (o bispo recusou a língua sena e ordenou o uso da língua ndau — a sua e de Dhlakama — nos serviços religiosos da sua paróquia). O suporte que os restantes bispos lhe deram só veio colocar a Igreja católica em posição mais criticável. E Chissano não perdoou: sem nunca intervir pessoalmente, nem fazer intervir o governo, deixa os Bispos enterrar-se, enquanto na Informação, elementos da Frelimo, e não só, vão censurando o Bispo e — que é o que importa mais — vão pondo em dúvida a sua isenção nas conversações.

Chissano guarda para si os ataques e as revelações sobre a intransigência da Renamo, enquanto autoriza a Cruz Vermelha a ajudar as populações das zonas da Renamo. Para depois a Informação dar grande destaque ao facto de essa ajuda ir direitinha para as mãos dos guerrilheiros e não das populações afectadas: agora a Renamo não pode invocar a corrupção do governo pois faz exactamente o mesmo.

Mas Chissano voltou em grande forma e não menospreza a força dos comícios, embora lhe

desgradem ao temperamento. Como sabe não possuir dotes oratórios, faz pequenas reuniões onde o discurso é longo e fundamental, para depois o mesmo ser publicado nos jornais de modo quase integral.

Aperto de mão só com cessar-fogo

E é num Chissano firme e agressivo que os moçambicanos se reconhecem agora. Um Chissano que se recusa a continuar a fazer a promoção do seu inimigo Dhlakama, com eventuais apertos de mão públicos, como este deseja. E usa o argumento que todos os moçambicanos percebem: só aperta a mão em troca de um imediato cessar fogo. E Dhlakama terá de esperar, por sua culpa. A Frelimo marca assim mais uns pontos.

O discurso de Chissano não esconde também alguns receios. Assim, pela primeira vez, o Presidente da Frelimo «desce» a atacar os partidos emergentes, até agora considerados incipientes e inofensivos. E Chissano faz fogo em todas as direcções.

Os dissidentes são acusados de falta de sinceridade. E o Presidente acena-lhes com uma aproximação que teria muito de semelhante ao que o MPLA fez com a reconciliação da «grande família». «Porque não falaram comigo?», repete Chissano. Adversários como Domingos Arouca, são inventariados como individualistas, oportunistas, ambiciosos, traidores mesmo. Os novos líderes são acusados de quererem dinheiro, de quererem que seja o Estado a promovê-los. Os exilados que regressam são conotados com interesses estrangeiros que os manipulam. Por detrás, sempre os ex-colonos portugueses — Chissano sabe muito bem como este argumento faz cerrar fileiras. Quanto aos federalistas, Chissano pergunta «onde estão esses estados», se alguma vez existiram...

Que a ofensiva é cautelosamente preparada não pode haver dúvidas. Basta ver o cuidado com que Chissano nunca cita Samora Machel e como se serve da bandeira maior que sempre foi o grande construtor da unidade moçambicana, Eduardo Mondlane, político moderado e grande amigo dos EUA.